

UMA ANÁLISE SOBRE A IDENTIDADE DA BIBLIOTECONOMIA BRASILEIRA: o enfoque da interdisciplinaridade

Jonathas Luiz Carvalho Silva*
Luiz Tadeu Feitosa**

Resumo

Este trabalho é “*fruto*” da monografia intitulada: Uma análise sobre identidade da Biblioteconomia brasileira: perspectivas históricas e objeto de estudo, sendo que o enfoque aqui estabelecido permeia a questão da interdisciplinaridade, visando fazer uma análise conceitual e histórica deste termo, e a sua chegada no Brasil com uma proposta distorcida, vaga e modista, bem como fazendo uma relação com a identidade, visando caracterizar suas marcas essencialistas e não-essencialistas e ainda aplicando a realidade da Biblioteconomia no Brasil, levando em consideração a realidade da necessidade do discurso e a sua contemplação prática e também identificando as marcas essencialistas, notadamente visíveis no eixo dos diversos tipos de bibliotecas e as não-essencialistas, no campo das áreas correlatas, como Ciência da Informação, Ciências Sociais, Filosofia, Educação, dentre outras, verificando que a união das disciplinas e o desenvolvimento, objetivando contribuir para o bem da sociedade, é uma das principais marcas da interdisciplinaridade.

Palavras-chave:

**IDENTIDADE
INTERDISCIPLINARIDADE
BIBLIOTECONOMIA
MARCAS**

1 INTRODUÇÃO

A discussão em torno da interdisciplinaridade tem sido uma constante na sociedade, mormente nas universidades. O termo tem presenciado debates associados a vários outros eixos temáticos, tais como: gnosiologia (que também é chamado de gnoseologia), epistemologia e ontologia. Isso prova que a interdisciplinaridade não consegue sustentabilidade por si só, vez que sua função é auxiliar as ciências, dando-lhes concatenação e aplicabilidade.

Entendendo assim que a interdisciplinaridade merece ampla abordagem teórica e construção prática, a fim de que possa ter maior consistência. Mas o fator que mais pesa contra a compreensão mais firme sobre o termo é a sua distorção, já que é uma palavra que virou muito pejorativa e vaga de sentido na sociedade (ênfatiza-se aí o meio acadêmico).

Severino (1998) comenta que o sentido de interdisciplinar precisa ser redimensionado quando se trata do saber teórico e construído quando se trata do saber prático, levando em

* Bacharel em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Ceará – UFC; jonathascarvalhos@yahoo.com.br

** Doutor em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará; Professor do Departamento de Ciências da Informação da Universidade Federal do Ceará; tadeufeitosa@superig.com.br

consideração que rompida as fronteiras entre as disciplinas, mediações do saber e na pesquisa, faz-se necessário que a interdisciplinaridade é condição também da prática social.

Isso implica dizer que a interdisciplinaridade faz parte de uma atividade de ação, de práticas, mas que precisa de um cunho teórico embasado, de acordo com o objeto que está sendo estudado e, precipuamente, com a perspectiva de contribuir com a sociedade.

O presente artigo é “*fruto*” da monografia do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Ceará intitulada: Uma análise sobre a identidade da Biblioteconomia brasileira: perspectivas históricas e objeto de estudo. A partir deste estudo foi possível fazer uma abordagem sobre a tríade identidade-interdisciplinaridade-Biblioteconomia.

O primeiro capítulo deste artigo faz uma reflexão crítica, visando discutir questões conceituais e históricas da interdisciplinaridade para a compreensão mais ampla dessa palavra, destacando a sua chegada no Brasil de modo distorcido do que realmente se propunha fazer, em face de ter virado um termo bastante comum, vago e pejorativo até.

O segundo capítulo coloca como enfoque a relação entre identidade e interdisciplinaridade, no sentido de descobrir as marcas essencialistas e não-essencialistas que permeiam a deturpação de uma dimensão interdisciplinar.

O terceiro capítulo mostra a relação interdisciplinaridade-identidade aplicada a Biblioteconomia brasileira, identificando também as marcas essencialistas e não-essencialistas que indicam o tripé identidade-interdisciplinaridade-Biblioteconomia, dando destaque ao aspecto discurso e prática, mostrando realmente se há uma relação e contemplação nessa relação.

2 VISÃO CRÍTICO-EPISTEMOLÓGICA DA INTERDISCIPLINARIDADE: QUESTÕES PRELIMINARES

A interdisciplinaridade é um termo que vem causando muita polêmica, ao mesmo tempo em que ganha muito espaço nos debates, principalmente nas universidades. A prova dessa efervescência da interdisciplinaridade no meio acadêmico se deve ao movimento de professores e estudantes que começa a se formatar a partir da década de 1960 na Europa (principalmente na França e Itália), onde as discussões giravam em torno de uma nova proposta para a educação.²

Inicialmente, discutir ou buscar uma definição para o termo percebe-se que não é fácil, já que se configura em algo complexo e muito interpretativo. Falar em interdisciplinaridade é recorrer a noção de disciplina. De acordo com Japiassú (1976, p. 61) a disciplina é uma “progressiva exploração científica especializada numa certa área ou domínio homogêneo de estudo”. Isso implica em estabelecer e definir fronteiras, partindo da determinação de seus objetos de estudo, de seus métodos e sistemas, bem como de seus conceitos e teorias.

Dessa forma pode-se considerar que a interdisciplinaridade deve se constituir em uma prática de ação coletiva, onde a máxima é explorar amplamente o objeto de estudo, sob diversas visões, promovendo também uma interação entre as disciplinas para concretizar a ampliação dos estudos.

Conforme os Estudos Históricos e Epistemológicos da Informação (2006 p.3):

² Exigiam um novo estatuto para a universidade e para a escola, bem como não aceitavam a proposta de conhecimento que fomentava o aprendizado do aluno numa perspectiva limitada e ainda, por meio de Georges Gusdorf, estruturaram um projeto para aproximar as pesquisas das áreas de ciências humanas, voltando-se essencialmente para a unidade humana (FAZENDA, 1994).

Nesse sentido, podemos considerar que o exercício interdisciplinar implica necessariamente um trabalho coordenado de equipe, havendo enriquecimento ou modificação das disciplinas envolvidas, com a finalidade de estudar um objeto sob diferentes ângulos, a partir de acordo prévio sobre os métodos a seguir ou sobre os conceitos a serem utilizados. E ainda, na interdisciplinaridade haveria trocas de conhecimento e graus de integração entre disciplinas conexas, definidas por uma axiomática comum, o que introduz a noção de finalidade, com sistema de níveis e objetivos múltiplos.

Assim, observa-se que um conceito para a interdisciplinaridade é algo eminentemente complicado, pois o termo em questão tem um conceito inacabado pelo fato de até hoje não ser possível definir com precisão o que vem a ser essa vinculação, essa reciprocidade, essa interação, essa comunidade de sentido ou essa complementaridade entre várias disciplinas. Ocorre que as in experiências prática e vivencial da comunidade acadêmica implicam na dificuldade de implantar a mudança de paradigma, aqui entendido como realizações científicas universalmente reconhecidas que, durante algum tempo, fornecem problemas e soluções modelares para uma comunidade de praticantes de uma ciência (KHUN, 1996).

Os estudos sobre interdisciplinaridade na década de 60 tinham uma preocupação essencialmente de cunho terminológico (diferenciação de multi, pluri, inter e transdisciplinaridade), de sorte que com essa investigação foi possível dar a conotação, os propósitos e as perspectivas e adquirir uma percepção mais ampla de um trabalho interdisciplinar. Isso significa que a interdisciplinaridade é uma proposta que visa uma reflexão crítica e minuciosa acerca da universidade, auxiliando no desenvolvimento de práticas inovadoras na pesquisa, no ensino e na extensão.

Segundo Hilton Japiassu (1976, p.73-74):

A multidisciplinaridade é “a gama de disciplinas que propomos simultaneamente, mas sem fazer aparecer as relações que podem existir entre elas”; a pluridisciplinaridade é “a justaposição de diversas disciplinas situadas geralmente no mesmo nível hierárquico e agrupadas de modo a fazer aparecer as relações existentes entre elas”; a interdisciplinaridade é “a axiomática comum a um grupo de disciplinas conexas e definida no nível hierárquico imediatamente superior, o que introduz a noção de finalidade”.

No Brasil, a interdisciplinaridade chega no início da década de 70 e ganha uma conotação bastante conturbada e diferenciada do objetivo de trabalhar pela . Isso se deve a alguns estudiosos que se empolgam com o novo, mas não lhe dá uma reflexão ou embasamento.

Fazenda (1994, p. 24) afirma sobre a chegada da interdisciplinaridade de modo distorcido no Brasil que:

Dois aspectos são fundamentais a serem considerados: o primeiro é o modismo que o vocábulo desencadeou. Passou a ser palavra de ordem empreendida na educação, aprioristicamente, sem atentar-se para os princípios, muito menos para as dificuldades de sua realização. Impensadamente tornou-se a semente e o produto das reformas educacionais empreendidas entre 1968 e 1971 (nos três graus de ensino). O segundo aspecto é o avanço que a reflexão sobre interdisciplinaridade passou a ter a partir dos estudos desenvolvidos na década de 1970 por

brasileiros (referimo-nos ao de Hilton Japiassú que em 1976 publicou o livro interdisciplinaridade e patologia do saber, aos trabalhos que procurei desenvolver a partir da dissertação de mestrado, iniciada em 1976 e concluída em 1978 e ao de outros estudiosos brasileiros que a esses estudos vêm se dedicando).

Dando ênfase ao primeiro aspecto da citação, referente ao modismo que o vocabulário desencadeou, é preciso considerar que a interdisciplinaridade, chegou ao Brasil de modo bastante deturpado com relação ao estilo europeu. Evidentemente que este país tinha que adaptar a interdisciplinaridade a sua realidade de categoria, porém a deturpação se deu em caráter de essência, o que afetou substancialmente a efetiva aplicação do termo: o primeiro, e talvez o principal, se refere a perda do sentido de luta pela humana; o segundo, que complementa o anterior, está relacionado ao fato do processo de Ditadura Militar (1964-1985) minar a ação da interdisciplinaridade em vários setores, como o político e o educacional.

Percebe-se que a proposta de interdisciplinaridade era visivelmente voltada para a transformação da educação, partindo para algo mais questionador, que promovesse mais reflexão e criticidade, tanto aos alunos, como professores. Porém, o objetivo da Ditadura Militar no Brasil era de contrapor as transformações supramencionadas, o que fez com que a metodologia educacional, mormente no ensino superior fosse direcionada para a censura, a repressão, impossibilitando objetivo principal de luta pelo ser humano.

Vale ressaltar também que a interdisciplinaridade não se restringiu apenas ao campo das universidades, mas se instaurou na política, na cultura e em diversos aspectos, mas o momento de Ditadura Militar no Brasil propiciou essa deturpação na forma de ação e aplicação.

Algumas considerações em torno da interdisciplinaridade são pertinentes, já que a sua interpretação provoca muita polêmica. Um dos grandes equívocos dos estudos acerca do termo em tela é a sua colocação como ciência. A interdisciplinaridade é o avanço da ciência, visando a satisfação da humanidade, a adequação as necessidades da sociedade. Evidentemente que o seu estudo é diretamente envolvido pela epistemologia, inclusive pelo fato de que nas décadas de 1970, foi voltado para a construção epistemológica; já na de 80 as contradições epistemológicas decorrentes da década anterior; enquanto na de 90 busca a construção da sua própria epistemologia (FAZENDA, 1994).

Assim, a interdisciplinaridade se configura no avanço da ciência, como, por exemplo, a construção filosófica da crítica: fato – problema – reflexão – solução, ou da Biblioteconomia, que vai além dos estudos das bibliotecas, mas busca elementos para a sua atuação de forma efetiva a contemplar as necessidades da cotidianidade da sociedade, como os estudos das Novas Tecnologias da Informação, dos diversos tipos de representação da informação, entre outros. Isso implica dizer que interdisciplinaridade e ciência agem num contexto de reciprocidade, onde a segunda precisa alcançar a primeira pra chegar a sua plenitude, mas a primeira deve já estar contida nas diretrizes da segunda para a sua consecução.

Gadotti, (1999, p 1) questiona que:

A interdisciplinaridade, como questão gnosiológica³ surgiu no final do século passado, pela necessidade de dar uma resposta à fragmentação

³ A palavra Gnosiologia (também chamada Gnoseologia) é o ramo da filosofia que se preocupa com a validade do conhecimento em função do sujeito que conhece o objeto, ou seja, é a teoria ou doutrina que estuda o conhecimento, levando em consideração suas condições e valores. (PINHEIRO, [s.d.]).

causada por uma epistemologia de cunho positivista. As ciências haviam-se dividido em muitos ramos e a interdisciplinaridade restabelecia, pelo menos, um diálogo entre elas, embora não resgatasse ainda a unidade e a totalidade.

Daí, a interdisciplinaridade busca dar consistência a ciência e estabelecer uma interação direta entre as ciências, já que estas estão divididas em vários ramos. Assim é necessário desfazer a idéia de que gnosiologia e epistemologia possuem mesmo caráter semântico, já que esta visa estudar o conhecimento nas diversas esferas da ciência, enquanto aquela objetiva dar validade do conhecimento com relação ao ser. Assim, a interdisciplinaridade parte de um processo gnosiológico que é embasar o conhecimento com relação ao ser, concomitantemente a noção de servir como elo entre os estudos da ciência.

Com efeito, constatações vão surgindo e dando uma dimensão epistemológica da interdisciplinaridade. De acordo com Fazenda (1994, p. 28-29) eis algumas inferências concernentes aos estudos sobre o assunto:

Interdisciplinaridade não é categoria de conhecimento, mas de ação; a interdisciplinaridade nos conduz a um exercício de conhecimento: o perguntar e o duvidar; interdisciplinaridade é a arte do tecido que nunca deixa ocorrer o divórcio entre seus elementos, entretanto, de um tecido bem trançado e flexível. A interdisciplinaridade se desenvolve a partir do desenvolvimento das próprias disciplinas.

Tecendo alguns comentários sobre o texto, é possível ratificar duas idéias: a reciprocidade entre interdisciplinaridade e ciência, representada pelos estudos epistemológicos. A questão é que a interdisciplinaridade não estuda o conhecimento, mas serve de base para ações a partir do conhecimento e este deve estar focado nas ações interdisciplinares e a interdisciplinaridade como elo entre as disciplinas, visando a sua ação coesa e estruturada, significando dizer que as próprias disciplinas e os modelos categoriais científicos ajudam no desenvolvimento das práticas interdisciplinares, isto é, se os estudos não estão coesos, pode-se atestar que o movimento interdisciplinar provavelmente não está sendo seguido.

Assim, todo esse imbróglio epistemológico acerca da interdisciplinaridade remete a sua abordagem relacionada a outro termo vital para a sua compreensão: a identidade.

3 IDENTIDADE E INTERDISCIPLINARIDADE NO BRASIL: UMA RELAÇÃO ESTREITA

É possível atestar a observância das polêmicas em torno da interdisciplinaridade. Inclusive, a sua relação com a busca de sua identidade vai promover mais questionamentos, visando um entendimento mais claro sobre a questão.

A interdisciplinaridade apresenta um sério problema de crise identitária no Brasil em face da Ditadura Militar, como já exposto, pois a proposta não conseguiu ser aplicada pelo fato do discurso estar adequado a realidade dos pequenos grupos que monopolizam a política e a economia brasileira (o Estado, autoridades políticas nacionais, empresas multinacionais, órgãos internacionais e autoridades de países desenvolvidos), afetando diretamente na educação (de nível superior principalmente), cultura e informação de qualidade na sociedade.

Mais uma vez utilizando os argumentos de Fazenda (1994, p.30) afirma sobre a identidade da interdisciplinaridade brasileira:

Em nome da interdisciplinaridade, todo o projeto de uma educação para a cidadania foi alterado, os direitos do aluno/cidadão foram cassados, através da cassação aos ideais educacionais mais nobremente construídos. Em nome de uma integração, esvaziaram-se os cérebros das universidades, as bibliotecas, as pesquisas, enfim, toda a educação. Foi tempo de silêncio, iniciado no final dos anos 50, que percorreu toda a década de 1960 e 1970. Somente a partir de 1980 as vozes dos educadores voltaram a ser pronunciadas. A interdisciplinaridade encontrou na ideologia manipuladora do Estado seu promotor maior. Entorpecido pelo perfume desse modismo estrangeiro, o educador se omitiu e nessa omissão perdeu aspectos de sua identidade pessoal. Essa perda gradativa de identidade registradas nas décadas de 1960 e 1970 causou danos irreparáveis a curto prazo.

O papel do Estado nas décadas de 1960 e 1970 são fundamentais para essa interpretação deturpada e modista da interdisciplinaridade. Coincidentemente essa relação com o período da Ditadura Militar permite afirmar questões, como: diminuição das pesquisas, dos questionamentos, da visão crítica, mostrando que a percepção interdisciplinar era para satisfazer o privilégio do Estado e dos grupos monopolizadores.

A interdisciplinaridade no Brasil vai perdendo sua identidade a partir do momento em que consegue aplicar um modelo que desprivilegie o aprendizado, a formação, o caráter crítico de professores e alunos, ficando difícil atestar o seu perfil identitário da interdisciplinaridade.

3.1 Tipos de identidade: o perfil identitário da interdisciplinaridade brasileira

A identidade é algo que se manifesta nas mais diversas faces de um indivíduo, de uma comunidade, de uma cultura, na política e outras. Com relação a interdisciplinaridade propalada no Brasil, qual o seu perfil identitário? Inicialmente é importante atestar a importância dos estudos sobre identidade, de sorte que auxiliam na caracterização de qualquer que seja o objeto a ser estudado.

A identidade visa mostrar as marcas que permeiam esse objeto, principalmente das questões pertinentes as sociedades contemporâneas, do século XX e XXI, já que a contemporaneidade é marcada por constantes crises que precisam ser superadas.

Vale ressaltar que essas marcas compõem essencialmente duas condições identitárias: a essencialista e a não-essencialista. O primeiro tipo de identidade é relacionado a marcas que o objeto tem como sendo fundamentais para a sua existência e ação, enquanto o segundo é referente a marcas extrínsecas advindas de outros meios e incorporadas. A interdisciplinaridade possui um misto de essencialista e não-essencialista.

É inegável que a interdisciplinaridade no Brasil vive uma crise desde a sua chegada que até o momento não conseguiu ser superada, em face de alguns fatores já mencionados, como o modismo a que o termo foi sujeito e aplicado.

A primeira marca essencialista da interdisciplinaridade é a luta pela unidade humana. Percebe-se que no Brasil essa marca não é tão explorada pelo fato de ocorrer um interesse muito grande de certas categorias, sejam elas científicas, políticas, culturais, educativas e pessoais, lutarem pela sobreposição de seus interesses, ao invés da consagração dos interesses públicos, relativos ao contexto majoritário da sociedade.

Outra marca essencial é concernente a ligação entre as disciplinas ou categorias, através dos estudos epistemológicos, pois sem essa condição a interdisciplinaridade não teria caráter de ação. Porém, essa ligação não pode ser algo estanque ou que promova o desenvolvimento de apenas uma categoria, ciência ou comunidade. É preciso o desenvolvimento recíproco dos objetos estudados, a fim de que a interdisciplinaridade seja efetivamente aplicada, no sentido de conhecer e transformar a realidade humana.

Para comprovar o argumento Giesbrecht (apud KLEIN, 1990) afirma que “temos, portanto, uma corrente que associa a história da interdisciplinaridade com um movimento relativo a ambição da unificação do conhecimento: a necessidade para a interdisciplinaridade tem se refletido em escritos epistemológicos desde as origens da ciência ocidental”

No Brasil, é perceptível, principalmente nas universidades, que as ciências que mais ganham consistência e, por conseguinte, avançam são aquelas que possuem suas marcas essencialistas (como as citadas) na interdisciplinaridade, ao mesmo tempo em que buscam em outras áreas a sua acuriação epistemológica.

No que tange as marcas não essencialistas da interdisciplinaridade no Brasil, são as mais fáceis de identificar, vez que as categorias promovem interpretações do termo da forma que considerarem mais conveniente.

A primeira que pode ser exposta é a relação a partir dos interesses pessoais e profissionais. A interdisciplinaridade no Brasil normalmente foge do seu caráter interativo recíproco para uma característica de interativo hierarquizado, ou seja, algumas áreas sobrepõem os seus interesses com relações a outras, a fim de se estabelecer no mercado e lograr êxitos profissionais e pessoais, significando dizer que essa marca foi se registrando ao longo dos estudos e concepções sobre interdisciplinaridade e principalmente que se cria uma crise de identidade necessária de uma resolução urgente.

Como fala Bittencourt (1999, p. 7) “o que está em jogo no problema da interdisciplinaridade é, portanto, sem dúvida, uma identidade profissional, mas também uma identidade intra e interpessoal”. Isso implica dizer que os estudos epistemológicos não têm como função principal a promoção do bem público, mas a sobreposição de interesses mercadológicos, profissionais e pessoais (salvo as exceções) dificultando consideravelmente a resolução dessa crise identitária e desconstituindo para alguns ou constituindo para outros uma nova ação para a interdisciplinaridade.

Essa marca ocasiona um aparato de identidade negativa (tipo de identidade que numa relação sobrepõe um em detrimento do outro), onde algumas áreas se tornam fundamentais para a existência de outras, dado que muitas áreas vão ofuscando seus próprios estudos por causa de agregar em larga escala elementos de outras, perdendo um pouco de sua autenticidade (marcas essencialistas).

Essa identidade negativa se configura com bastante frequência na relação da hierarquia, como por exemplo: ricos e pobres, onde este por não possuir os mesmos recursos financeiros, as mesmas condições de consumo, etc. coloca-se automaticamente num posicionamento de inferioridade (AZEVEDO, 1992).

Outra marca não-essencialista da interdisciplinaridade é o exacerbado discurso, mormente nas universidades do termo. Qualquer tipo de relação entre áreas do conhecimento já é considerado por muitos como uma prática interdisciplinar.

De acordo com Santomé (1998, p.27):

O mundo que vivemos já é um mundo global, no qual tudo está relacionado, tanto nacional como internacionalmente; um mundo onde as dimensões financeiras, culturais, políticas, ambientais, científicas, etc., são

interdependentes, e onde nenhum de tais aspectos pode ser compreendido de maneira adequada à margem dos demais. Qualquer tomada de decisão em algum desses setores deve implicar uma reflexão sobre as repercussões e efeitos colaterais que cada um provocará nos âmbitos restantes. Também devem ser calibradas as limitações e as conseqüências que surgirão ao levar em consideração informações ligadas a áreas diferentes das já consideradas.

Assim, a interdisciplinaridade no Brasil não deve ser compreendida nas relações, já que praticamente tudo necessita de tal. Essa relação já é naturalmente desenvolvida. A prática interdisciplinar deve ter a postura de uma relação coerente e concatenada dos aspectos, a fim de promover-lhes ações eficientes e eficazes para a humanidade.

Segundo Quadros e Martins (2006, p. 3) “a proposta interdisciplinar pressupõe a reorganização do processo de produção, difusão e aplicação do conhecimento tendo como referência, a compreensão de problemas significativos, assuntos que, para serem enfrentados, exigem saberes de natureza diferentes e o esforço conjunto de vários campos de conhecimento e pesquisa”.

Assim, a concepção interdisciplinar no Brasil está adequada a simples relações das áreas do conhecimento atestando que, em vários casos, está aquém de se basear na proposta dos autores, o que denota uma marca não-essencialista da interdisciplinaridade neste país.

Muitas outras marcas podem caracterizar a identidade interdisciplinar, já que o assunto se apresenta de modo eminentemente lato e passível de um grande debate. A seguir, o epicentro de análise gira em torno da interdisciplinaridade da Biblioteconomia brasileira, enfocando, peculiarmente, a relação entre o discurso e a prática.

4 IDENTIDADE E INTERDISCIPLINARIDADE NA BIBLIOTECONOMIA BRASILEIRA: O DISCURSO E NECESSIDADE DE CONTEMPLAÇÃO PRÁTICA

Na Biblioteconomia brasileira o discurso sobre interdisciplinaridade é muito forte e intrínseco. Agora, resta saber se esse discurso tem sido aplicado nas práticas cotidianas da área, na perspectiva de caracterizar ou não a identidade interdisciplinar da Biblioteconomia.

Iniciando pelo curso de nível superior percebe-se ser o discurso da interdisciplinaridade mais latente. Porém, é perceptível que esse discurso tem sido bem conturbado e deturpado, assim como na maioria das áreas. O termo em questão virou algo simbólico na área, sendo proferido constantemente, sem notificar a amplitude de seu caráter semântico.

Segundo Figueiredo (1978, p. 19):

A literatura em Biblioteconomia recomenda com grande ênfase que as escolas ou cursos de Biblioteconomia sejam subordinados a uma instituição acadêmica de nível universitário, a fim de poderem usufruir de todos os benefícios, recursos existentes e principalmente da integração com o ambiente, base da interdisciplinaridade necessária.

A autora menciona o termo interdisciplinaridade como sendo necessário, principalmente no sentido da integração com o ambiente, visando o aprimoramento da área. É preciso enfatizar que estes benefícios promovidos a Biblioteconomia em nível superior estão relacionados à produção de marcas identitárias, tais como: ampliação do processo de pesquisa, capacitação docente e discente, interação com outros campos do conhecimento,

acuração da produção científica e embasamento acadêmico-curricular, já que a universidade possibilita amplamente essas condições.

Porem, como já exposto a interdisciplinaridade não visa apenas a relação com outros elementos, já que é uma característica inerente da globalização. Por isso, a proposta de interdisciplinaridade na Biblioteconomia não pode ser limitada simplesmente a relação entre os cursos ou áreas do conhecimento.

Faz-se necessário uma proposta em que a Biblioteconomia esteja se relacionando com outros campos do conhecimento no intuito de desenvolver a área e contribuir para com a sociedade, num processo de reciprocidade, significando que outras áreas também utilizem os conhecimentos e estudos da Biblioteconomia para não se configurar a relação desta área com outros campos como uma relação de subserviência e principalmente que haja uma preocupação científica e humanista, a fim de atestar o real caráter interdisciplinar.

Falar na interdisciplinaridade a partir curso de nível superior remete a questão das práticas curriculares. (Souza, 1998, p.4) afirma que “O papel do ensino de graduação deve ser o de, essencialmente, instrumentalizar o estudante com as técnicas e ferramentas básicas de sobrevivência no meio profissional, especialmente, aquelas que lhe garantam habilidades para adaptar-se a transitoriedade, promover a inovação e utilizar-se da diversidade”.

Assim, percebe-se que os currículos de graduação normalmente se configuram numa formação generalista, exigindo dos alunos aquisições de novos cursos, aprendizados, especialização, enfim, de mais capacitação.

Costa e Andrade (1999, p. 2) complementam o argumento do currículo no aspecto da interdisciplinaridade:

Acredita-se que pensar em currículo é buscar permanentemente a interdisciplinaridade, devido à velocidade com que as mudanças estão ocorrendo e o novo rumo previsto nesse próximo milênio que se aproxima com a intensidade da inovação, da transformação, da integração de áreas, formação de equipes de alto desempenho e minimização sempre maior do trabalho isolado. Por que não pensar numa mudança de paradigma de modo que se crie uma nova Biblioteconomia para ocupar um espaço real de uma profissão mais valorizada?

Porém, para analisar a relação interdisciplinar que permeia um currículo é pertinente ir além da integralização curricular do curso, buscando enfatizar as práticas que envolvem os pilares mantenedores de uma universidade: ensino, pesquisa e extensão, ou seja, projetos que ultrapassem os limítrofes dos debates em sala de aula, comprovando que a questão da interdisciplinaridade é um fator de ação e aplicabilidade.

A maior marca identitária da interdisciplinaridade na universidade se refere a relação entre o tripé ensino-pesquisa-extensão. Segundo Silva (1997, p. 2), a relação entre essas três propostas de atividades dá-se da seguinte maneira:

O ensino precisa da pesquisa para oxigená-lo, aprimorá-lo e inová-lo, pois, ao contrário, corre o risco da estagnação. O ensino necessita da extensão para levar seus conhecimentos à comunidade e complementá-los com aplicações práticas. A extensão precisa dos conteúdos, educandos e professores do ensino para ser efetivada. A extensão necessita da pesquisa para diagnosticar e oferecer soluções para problemas diversos com os quais irá deparar-se, bem como para que esteja constantemente atualizando-se.

Por sua vez, a pesquisa prescinde dos conhecimentos detidos pelo ensino, como base de partida para novas descobertas. Além disso, a pesquisa depende do ensino e da extensão para difundir e aplicar sua produção, e assim, indicar-lhe os novos rumos a seguir. Portanto, ensino, pesquisa e extensão são atividades interdependentes, complementares e precisam ter valorações equivalentes no sistema universitário. A qualidade e o sucesso dos profissionais formados pelas universidades, dependem, diretamente, do nível de desenvolvimento, equilíbrio e harmonia entre essas três áreas da Universidade. É difícil conceber universitários bem formados sem a influência dessa formação sistêmica interdependente e complementar que deve ser propiciada pelo ensino, pesquisa e extensão.

No caso da Biblioteconomia, é preciso atentar que é norteada a partir de uma integralização curricular bem complexa e generalista, com valores advindos da Ciência da Informação. Porém, percebe-se que disciplinas, buscando analisar a complexidade do universo biblioteca estão escassas. Nesse momento é que entra a superação dessa integralização curricular com projetos de ensino, pesquisa e extensão que fomentem a estruturação de uma marca interdisciplinar.

É preciso a compreensão de resgatar e desenvolver as marcas essencialistas que norteiam a Biblioteconomia: biblioteca pública, escolar, comunitária, popular, universitária, especializada, pois essas bibliotecas, tendo uma dimensão ativa, dinâmica, poderão reconhecer a área biblioteconômica e isso deve ser valorizado desde a graduação, a fim de que a prática profissional se efetive numa dimensão interdisciplinar.

A valorização acadêmica e profissional são feitas de valores que tornarão o aluno apto a desenvolver projetos nas bibliotecas em suas mais diversas nuances, onde, por conseguinte, colocará o bibliotecário como profissional apto a auxiliar na formação dos alunos, desde a biblioteca infantil, escolar (alunos da base), até alunos de bibliotecas universitárias e especializadas (que já desenvolvem uma pesquisa mais técnico-científica).

Essa marca identitária na atuação efetiva nos diversos tipos de bibliotecas, procurando promover uma concatenação fomenta a prática interdisciplinar que a Biblioteconomia e outras áreas do conhecimento tanto desempenham no discurso, mas muitas vezes não conseguem aplicar.

Seguindo o pensamento de Oliveira (1983, p. 70) acerca do bibliotecário brasileiro:

Verificamos que sua auto-estima profissional baseia-se em valores ocupacionais e pessoais, tais como: inovação, independência, cultura, profundidade, criatividade, desenvoltura, espírito liberal e liderança. Entretanto, a profissão carece ainda de valores como autoridade, consciência de classe, senso de progressão e competição, considerados indispensáveis à identificação da Biblioteconomia como profissão.

Assim, valorizando essa dimensão interdisciplinar a partir e entre as bibliotecas, é possível agregar valores da Ciência da Informação, como a utilização das Novas Tecnologias da Informação e da Comunicação (NTIC's), por exemplo, formando um profissional identificado com a biblioteca e possibilitando-lhe outras formas de atuação além deste espaço, se configurando no caso como marca não-essencialista, já que ocorre a utilização de fatores extrínsecos, mas que podem ser efetivamente aplicados a Biblioteconomia. Ocorre também que a identificação dessas marcas essencialistas e não essencialistas podem indicar ao

bibliotecário e até mesmo ao estudante de graduação perspectivas como: autoridade, consciência de classe, senso de progressão e competição.

A prova da identificação dessas marcas essencialistas e não-essencialistas como sendo fundamentais para a caracterização interdisciplinar da área biblioteconômica estão na afirmação de Almeida Júnior (1997, p. 16) quando fala da relação das bibliotecas com as NTIC's:

As bibliotecas públicas, aquelas que trabalham diretamente com a população, não se utilizam, assim dos avanços tecnológicos para melhor atender seus consulentes, pois sua função não é instrumentalizar a população para que esta possa fazer frente aos ditames da classe dominante. Ao contrário, deve ela servir como um aparelho ideológico do Estado, preservando e reproduzindo as condições atuais

Assim, comprova-se a necessidade de identificar e relacionar as marcas essencialistas da Biblioteconomia (biblioteca, organização, informação) e as marcas não essencialistas (NTIC's, por exemplo), que juntas podem caracterizar a interdisciplinaridade biblioteconômica além do discurso.

Porém, ocorre um distanciamento das relações de disciplinas no contexto das bibliotecas. Isso significa que existe a necessidade da utilização de diversos elementos nessas instituições, seja da Ciência da Informação, da Educação, da Psicologia, das Ciências Sociais, da Cibernética e outros, mas que não são aplicados no contexto majoritário das bibliotecas, o que inviabiliza a prática interdisciplinar da Biblioteconomia brasileira, seja em seu aparato acadêmico, seja no profissional, já que não há uma relação ou é muito tênue entre as marcas essencialistas e não essencialistas.

Isso apenas vem comprovar que o discurso em torno da interdisciplinaridade na Biblioteconomia é muito latente, mas a aplicação deste ainda precisa ser definida. Aliás, esse discurso ainda deve ser redefinido procurando atestar o que realmente vem a ser a interdisciplinaridade e como se aplica na área. Para tanto, é preciso atestar as marcas identitárias que permeiam a área biblioteconômica, a fim de que seja possível conhecer como delinear a prática interdisciplinar.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebe-se que a interdisciplinaridade tem papel crucial na unificação das ciências e no sentido de luta pela unidade humana. Porém, o seu conceito tem sido bastante deturpado, haja vista que ganhou uma interpretação limitada, modista e até pejorativa.

O verdadeiro caráter interdisciplinar está na constatação de três momentos que consolidam a existência e aplicação do termo: explicitação filosófica; diretriz sociológica; projeto antropológico. Isso significa constatar outras três condições para o entendimento e aplicação da interdisciplinaridade: construção epistemológica; explicitação das contradições epistemológicas dessa construção; reconstrução da teoria epistemológica (FAZENDA, 1994).

A interdisciplinaridade discutida nos corredores, ou nas salas de aulas das universidades, ou envidada nos projetos de ensino, pesquisa e extensão não têm notificado, na maioria das vezes, a dimensão daquilo que o termo supramencionado pode representar.

Essa discussão promove uma grande crise de identidade, pois não oferece o recorte de existência e aplicação do termo, assim como foi formatado em sua origem. Isso não implica dizer que a interdisciplinaridade não deve sofrer alterações em seu recorte conceitual e de

desenvolvimento, mas não pode perder objetivos essenciais, bem como limitar o seu sentido de ações.

No caso dos estudos sobre interdisciplinaridade na Biblioteconomia, percebe-se essa deturpação no próprio discurso (salvo as exceções) e, por conseguinte, na sua aplicação ocasionando uma grande crise de identidade. É preciso, para caracterizar a identidade de uma interdisciplinaridade biblioteconômica, encontrar suas marcas identitárias essencialistas, que podem ser atestadas nos mais variados tipos de bibliotecas (escolares, públicas, comunitárias, populares, especializadas, escolares, universitárias e outras), a fim de que posteriormente sejam relacionadas as marcas não-essencialistas, como aquelas advindas da Ciência da Informação, das Ciências Sociais, História, Filosofia, Educação, dentre outros campos do conhecimento.

Finalmente, a interdisciplinaridade possui uma idéia promissora, mas necessita de uma interpretação mais consistente e menos distorcida para que possa ser ratificada pensando na promoção do interesse público, da maioria da sociedade e não apenas dos interesses minoritários, de alguns campos do conhecimento em detrimento de outros.

AN ANALYSIS ON THE BRAZILIAN'S LIBRARIANSHIP IDENTITY: the interdisciplinarity focus

Abstract

This work is "fruit" of the monograph: "An analysis about the identity of Brazilian Librarianship: historical perspectives and object of study", and the focus here established permeates the interdisciplinarity subject, seeking to draw a conceptual and historical analysis of this term, and its arrival in Brazil with a distorted proposal, wandering and fashionable, as well as making a relationship with the identity, seeking to characterize its essentialists and no-essentialists marks and still applying the reality of Librarianship in Brazil, taking in consideration the speech reality and its practical contemplation and also identifying the essentialists marks, especially those visible in the axis of the several types of libraries and the no-essentialists, in the field of correlate as Information Science, Social Sciences, Philosophy, Education, among others, verifying that the union of the disciplines and its development, aiming to contribute for the good of the society, is one of the principal marks of the interdisciplinarity.

Keywords:

***IDENTITY
INTERDISCIPLINARIDADE
LIBRARIAN
MARKS***

REFERÊNCIAS

ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. **Sociedade e Biblioteconomia**. São Paulo: Pólis, APB, 1997. 129 p.

Biblionline, João Pessoa, v. 3, n. 1, 2007

AZEVEDO, Helena Selma. **Identidade Resgatada ou Nova Identidade? Identidade e cotidianidade de famílias de Áreas de Assentamento.** Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade Federal do Ceará. Fortaleza: UFC, 1992.

BITTENCOURT, Jane. **Herança Pedagógica Moderna e a Interdisciplinaridade Resignificada.** Disponível em: www.anped.org.br/reunioes/23/textos/0407t.PDF. Acesso em: 10 jul. 2007.

COSTA, Maria de Fátima Oliveira; ANDRADE, Ivone Bastos Bonfim. **Reflexões Curriculares do Ensino de Biblioteconomia no Ceará.** Disponível em: <http://www.ies.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/viewFile/400/321>. Acesso em: 10 jul. 2007.

ESTUDOS HISTÓRICOS E EPISTEMOLÓGICOS DA INFORMAÇÃO. **As metáforas na Interdisciplinaridade: uma Proposta Possível?** Disponível em: <http://www.portalppgci.marilia.unesp.br/enancib/viewpaper.php?id=256>. Acesso em: 07 jul. 2007.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. **Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa.** Campinas: Papirus, 1994. 143p.

FIGUEIREDO, Nice. **O ensino de biblioteconomia no Brasil: análise e caracterização de entidades e do pessoal docente.** Brasília: CAPES, 1978. 143p.

GADOTTI, Moacyr. **Interdisciplinaridade: Atitude e Método.** Disponível em: www.paulofreire.org/Moacir_Gadotti/Artigos/Portugues/Filosofia_da_Educacao/Interdisci_Atitude_Metodo_1999.pdf -. Acesso em: 08 jul. 2007.

GIESBRECHT, Marília d'Ottaviano. **Um Balanço Teórico sobre a Interdisciplinaridade e o Meio Ambiente.** Disponível em: www.anppas.org.br/encontro_anual/encontro3/arquivos/TA425-21032006-114659.DOC. Acesso em: 09 jul. 2007.

JAPIASSU, Hilton Ferreira. **Interdisciplinaridade e patologia do saber.** Rio de Janeiro: Imago, 1976. 220p.

KHUN, Thomas S. **A estrutura das revoluções científicas.** 4 ed. São Paulo: Perspectiva, 1996. 257 p.

OLIVEIRA, Zita Catarina Prates de. **O bibliotecário e sua auto-imagem.** São Paulo: Pioneira, 1983. 98p.

PINHEIRO, Pedro Alexandre Vale. **Idealismo vs. Materialismo.** Disponível em: http://eden.dei.uc.pt/~vapi/curriculo/artigo_micll.doc. Acesso em: 13 jul 2007.

QUADROS, Teresinha; MARTINS, Joberto S. B. **A Prática Interdisciplinar em Programas de Educação a Distância no Cenário de Novas Tecnologias da Informação e Comunicação.** Disponível em: <http://www.nuppead.unifacs.br/artigos/SBIE-Teresinha&Joberto%20-%20Final.pdf>. Acesso em: 11 jul. 2007.

Biblionline, João Pessoa, v. 3, n. 1, 2007

SANTOMÉ, Jurjo Torres. **Globalização e Interdisciplinaridade: o currículo integrado**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

SEVERINO, Antônio Joaquim. O conhecimento pedagógico e a interdisciplinaridade: o saber como intencionalização da prática. In: FAZENDA, Ivani Catarina Arantes (org.). **Didática e Interdisciplinaridade**. Campinas: Papirus, 1998. p. 31-44.

SILVA, Oberdan Dias da. O que é Extensão Universitária? **Revista Integração**. São Paulo, ano III, nº 9, maio 1997. Disponível em: www.gtreforma.blogspot.com/ - 194k. Acesso em: 11 jul. 2007.

SOUZA, Clarice Muhlethaler de. Reflexões sobre os rumos de biblioteconomia. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BILIOTECONOMIA E DOCUMENTAÇÃO, 18, 1998, São Luís. *Anais eletrônicos...* São Luís: [s. n.], 1998. 15p. (disquetes).